



**O LIVRO MAIS
MAL-HUMORADO
DA BÍBLIA**

A acidez da vida e a sabedoria de Eclesiastes

ed **rené** kivitz

1

Vencendo o tédio

Sabe esses dias em que horas dizem nada
E você nem troca o pijama, preferia estar na cama
O dia, a monotonia tomou conta de mim
É o tédio, cortando os meus programas, esperando o meu fim

Sentado no meu quarto
O tempo voa
Lá fora a vida passa
E eu aqui à toa
Eu já tentei de tudo
Mas não tenho remédio
Pra livrar-me deste tédio

Vejo um programa que não me satisfaz
Leio o jornal que é de ontem, pois pra mim, tanto faz
Já tive esse problema, sei que o tédio é sempre assim
Se tudo piorar, não sei do que sou capaz

Tédio, não tenho um programa
Tédio, esse é o meu drama
O que corrói é o tédio
Um dia, eu fico sério
Me atiro deste prédio.¹

¹ Composição de Álvaro Prieto Lopes, Bruno Castro Gouveia, Miguel Flores da Cunha e Sheik. Música gravada por Biquíni Cavado.

Como vive a pessoa que já experimentou muito da vida e acha que não tem mais nada que experimentar? Como vive a pessoa que diz com frequência “já vi”, “já fiz”, “já sei” e outros “jás” que se possa imaginar? Como vive a pessoa para quem a vida tornou-se uma repetição enervante e chegou ao fastio da mente e das sensações: experimenta sempre o mesmo e chega sempre no mesmo lugar? Como vive a pessoa que pensa sobre a vida, que se debruça para observá-la e chega à conclusão de que tudo o que vai acontecer já aconteceu? Como vive a pessoa para quem a vida não traz nenhuma novidade, cuja única expectativa é ver hoje o que já viu ontem?

Essa pessoa vive com tédio.

Quem vive assim nunca faz um programa que satisfaça e sente-se corroído por dentro. A monotonia toma conta e vai drenando aos poucos a energia que os grandes desafios não foram capazes de extinguir. A conclusão é que nem vale a pena tirar o pijama, é melhor ficar deitado na cama. Ou uma conclusão pior: ficar sério e atirar-se do prédio.

Pôr um fim ao tédio é o desafio que o Eclesiastes propôs para nós.

Já se disse que o essencial na vida é invisível aos olhos, que as coisas mais centrais passam despercebidas pela visão. Mas o Eclesiastes não dá sinais de que assina embaixo dessa afirmação. Ele olha e descreve o que vê, analisa e chega a conclusões. Ele não vê uma realidade por trás da realidade que enxerga, não consegue discernir um roteiro que a realidade esteja seguindo. Ele olha o mundo e seu jeito de funcionar, e tudo o que enxerga é vaidade; são bolhas de sabão que estouram com qualquer variação no vento. Para o Eclesiastes o que se vê é o que existe, o que importa são as linhas: as entrelinhas ele descarta.

E quais são os adjetivos que ele usa para descrever essas linhas? Absurdo, fútil, inútil e injusto: essas são as qualificações que dá ao trabalho que o homem realiza debaixo do sol. Nada muito animador, nada que nos motive a pular da cama na segunda-feira ou a tirar da mente a ideia de pular do prédio.

Mas essa crueza indigesta que o Eclesiastes aborda a vida debaixo do sol deixa em seu rastro dois convites.

O primeiro convite é o de pensar, mesmo sabendo que pensar dói. A sinceridade rude do Eclesiastes é a prova de que ele não está disposto a se enganar, a optar pela ilusão para suportar sua existência — para quem pensa não existe espaço para a alienação. O mundo que ele vê é repetitivo e enfadonho, e ele o considera assim, resiste à tentação de colocar óculos especiais para ver o mundo cor-de-rosa. Se pretendemos entender o que o Eclesiastes tem para nos dizer, precisamos aceitar o convite de raciocinar e desbancar a irracionalidade. Não somos bichos e, quando pensamos, exercemos uma atividade sagrada.

O segundo convite é o de vencer o tédio realçado pelo raciocínio. Precisamos vencer o tédio para que a vida ganhe sentido. Abre parênteses. Você pode dizer que a vida não precisa ganhar sentido porque tem sentido em si mesma. Não quero entrar nessa discussão. O Eclesiastes não entraria; aliás, não entrou. O que quero saber é se a sua vida tem sentido. Cada ser humano é responsável por atualizar, em sua própria existência, o sentido que a vida tem em si mesma. Pronto, entrei na discussão... Fecha parênteses.

Por que o tédio é uma ameaça? Por causa da marca da repetição e da mesmice. O que aconteceu hoje foi o mesmo que aconteceu ontem. O que essa geração está fazendo foi o mesmo que a geração anterior fez, e será o mesmo que a geração posterior fará. A vida então passa a ser uma repetição, um processo atrás do outro, seguido de outra rodada de um processo atrás do outro, e assim por diante continuamente. A mesma coisa, mais do mesmo, sempre.



Além de lembrar que *pensar dói*, o Eclesiastes coloca outras duas placas de sinalização em nosso caminho. A primeira é que *existem*

muitas perguntas para as quais não temos resposta. A realidade é bem mais profunda do que a profundidade que o nosso discernimento pode alcançar. A realidade não pode ser abarcada por nossas capacidades cognitivas, não cabe em nossa percepção, nem é delimitada pelo raciocínio. A realidade vai além da nossa capacidade de decodificar e enxergar, de processar e dissecar.

A boa notícia é que dizer “não sei” não é vergonhoso para ninguém. Afinal, ninguém sabe dar todas as respostas para as perguntas que a realidade nos impõe. Precisamos aprender a viver bem com o que sabemos, mesmo que não saibamos tudo.

A outra placa de sinalização indica que, *por trás dessa realidade aparentemente sem sentido, há um Deus agindo.* O Eclesiastes olha para o mundo e não capta sentido no que vê e no que faz. Mas nós não somos obrigados a concordar com ele. Podemos olhar para a mesma realidade e levar em conta as entrelinhas que ele optou por descartar. Isso nos leva a descartar o Eclesiastes? É claro que não, pois o que ele descreve é exatamente o que o mundo nos parece quando ficamos contaminados pelo tédio. Sua descrição é exata, a existência assume contornos nítidos nas suas palavras. Mas o universo dá evidências de que é estruturado de maneira inteligente. Há cuidado, fineza e criatividade no cosmo, e nisso podemos confiar. Por trás de um mundo projetado, há um Projetista.

Lembre-se: pensar dói, não temos todas as respostas e podemos ler nas entrelinhas uma realidade que transcende a realidade que o Eclesiastes descreve.

Processos contínuos e repetitivos

É bom examinarmos com um pouco mais de cuidado as coisas nas quais o Eclesiastes não vê sentido.

Alguém me disse que existe um tipo de mosca que não tem boca e por isso não se alimenta. Ela nasce, cresce, se reproduz e morre por

falta de alimentação. Essa mosca é o próprio ícone do ciclo repetitivo e contínuo de nascer, crescer, reproduzir, envelhecer e morrer. Salvo uma tragédia, todos os seres humanos seguem o mesmo ciclo. Esse ciclo foi seguido por gerações anteriores e pelas gerações antes dela. O mesmo destino nos aguarda. Pessoas que nascem e morrem todos os dias viram estatísticas, números que se repetem em uma tabela demográfica.

Até no vento, que Jesus descreveu como algo que vai e vem sem dar notícia, o Eclesiastes enxergou um ciclo fixo. Ele sabe que o vento segue o padrão: venta do sul para o norte, sempre. E depois disso? Venta do sul para o norte. E o que acontece quando esse ciclo se completa? Começa outro, igualzinho ao anterior: venta do sul para o norte, sempre.

É fácil encontrar outros exemplos. Veja o caso dos rios. O Eclesiastes sabe que “todos os rios vão para o mar, contudo, o mar nunca se enche; ainda que sempre corram para lá, para lá voltam a correr”. Conhecemos os estágios desse ciclo: o rio vai para o mar, em todos os lugares a água evapora, o vapor se condensa em nuvens que desabam em chuva, que supre a água que mantém os rios correndo para o mar. Esse é o ciclo que se repete, sem interrupções.

Quer mais um exemplo? “O sol se levanta e o sol se põe, e depressa volta para o lugar de onde se levanta”. Olhe fixamente para os ciclos abundantes e intermináveis da natureza e você vai sentir tédio. Mas essa não é a única fonte do tédio.

Pessoas

É inacreditável: as pessoas podem ser entediantes. Apesar de toda a diversidade da identidade humana e de toda a complexidade da alma humana, as pessoas podem mimetizar atitudes, comportamentos, discursos e maneirismos, passando a integrar o famoso bloco *maria vai com as outras*. Isso gera o fenômeno manada humana, que segue

enfileirada como um exército de soldadinhos de chumbo, marchando no mesmo passo e compasso, corpos sem rosto, um monte de iguais, mais do mesmo, fazendo do multiforme espectro humano uma pasta humanoide entediante. E pode ser pior.

Pode existir alguém entediante ao seu lado. Aquela pessoa que fala sempre as mesmas coisas, tem sempre os mesmos problemas, conta sempre as mesmas histórias, ri sempre das mesmas piadas, cuja fala aos poucos vai se tornando uma ladainha insuportável.

Mas a leitura do Eclesiastes sugere uma brecha. Há uma porta de saída.

Um vislumbre de esperança

“Ninguém se lembra dos que viveram na antiguidade, e aqueles que ainda virão tampouco serão lembrados pelos que vierem depois deles.”

Aparentemente esse comentário do Eclesiastes mais do que infundir esperança, faz ainda mais densa a escuridão. Os que passaram não deixam rastro, a nossa geração também não deixará. Existimos, completamos os ciclos da vida, mas a marca do que fizemos e construímos não permanecerá. As próximas gerações não ouvirão falar de nós. Essa insistência dos *coaches* pessoais a respeito da necessidade de deixarmos um legado parece balela. Aos olhos do Eclesiastes a maioria dos mortais caminha célere rumo à insignificância histórica.

Então, onde está a brecha que pode nos tirar do atoleiro do tédio? Na constatação de que cada geração começa sua existência do zero.

Talvez você levante a objeção de que a cultura é herdada e amolada a geração seguinte. É verdade, mas também é verdade que cada geração tem de decidir o que fazer com a herança que recebeu. É possível ver uma geração confrontar o *status quo* com calças jeans rasgadas em sinal de protesto ao imperialismo econômico e cultural, enquanto a outra compra as mesmas calças a preços exorbitantes nas

lojas de griffe dos *shoppings* de luxo. Maio de 1968 terminou sim. Cada geração é responsável por inventar seu próprio mundo.

O que os pais entregam aos filhos é a carga genética, e já é muita coisa. Mas as experiências dos filhos são únicas, mesmo que os pais se vejam neles. O mundo é diferente e, por isso, a herança genética deles vai se expressar de maneira diferente, abrindo outras possibilidades. Você pode ter muito dos seus pais em você, mas suas experiências não serão as mesmas, você não vai vivenciar da mesma maneira o primeiro beijo, a primeira entrevista de emprego, nem a experiência de Deus. Nascemos, crescemos, casamos, reproduzimos e morremos, mas cada geração faz isso à sua própria maneira.

Você pode adorar morango com chantili, deleitar-se em cada bocado e apreciar o doce-azedo do morango combinado com a textura aerada do chantili. Na hora da salada, você prefere o básico: alface e tomate temperados com vinagre e sal. Pode ser que seu filho goste de chantili com morango: o morango é só para disfarçar, pois aquele azedinho que você tanto aprecia não o agrada tanto. Mas ele tem uma coisa que você não tem: ele gosta de rúcula, que aprendeu a comer na casa de um amigo, com azeite, limão e sal. Aquele sabor amargo da rúcula instantaneamente capturou sua preferência. Mais tarde ele descobriu que o amargo da rúcula combinava muito bem com o sabor mais doce da alface, o que deixou a coisa mais interessante. Você gosta de alface com tomate, temperados com vinagre. Seu filho gosta de rúcula com alface, temperadas com azeite, limão e sal. Ele herdou características suas, mas a descoberta de qual salada o agrada mais é uma descoberta inteiramente dele, sem sua participação.

O que isso significa? Que a plenitude da experiência de cada pessoa, de cada geração, é singular. Essa plenitude da experiência é algo que não pode ser vivenciado por outra pessoa nem ensinado pela cultura. A cultura põe à disposição, mas é a pessoa que vivencia e estabelece suas preferências. Cada geração é única, tem sua maneira

característica de se apropriar e de recriar a realidade; cada maneira de agir é singular, cada experiência é intransferível.

Para Salomão, o mundo é um processo infundável de repetições enfadonhas, sem variações que atraíam o interesse, pois “não há nada de novo debaixo do sol”. Mas ele sugere também que não existe apenas uma maneira de viver. O ciclo do vento é o mesmo, o fluxo dos rios é o mesmo, as estações climáticas são as mesmas. Mas cada um a seu próprio modo, curte o frio e o calor.

Se o tédio causado pela repetição é o problema, a solução é a experiência individual — a chance que cada um tem de fazer pela primeira vez o que as gerações anteriores têm feito há séculos.

Quatro sugestões para quem deseja vencer o tédio

Tédio.

Nada é mais insuportável para o homem do que estar em pleno repouso, sem paixões, sem afazeres, sem divertimento, sem aplicação. Ele sente então todo o seu nada, seu abandono, sua insuficiência, sua dependência, sua impotência, seu vazio.

Imediatamente nascerão do fundo de sua alma o tédio, o negrume, a tristeza, a mágoa, o despeito, o desespero.²

Em primeiro lugar, *preste atenção nas pessoas, não na humanidade*. O Eclesiastes não ocupa a mente apenas com as coisas que se repetem, os ciclos que ele identifica no movimento dos rios, do sol, do vento. Mas também, e principalmente, com as pessoas que agem de maneira diferente dos rios, do sol e do vento.

Na tradição espiritual judaica, Deus não se apresenta como “Deus dos rios, sol e vento”, mas sim como “Deus de Abraão, Deus de Isaque

² Blaise PASCAL. *Pensamentos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, fragmento 622, p. 268.

e Deus Jacó”. Na hora de se identificar, ele escolheu citar nomes de pessoas e não de objetos naturais. Talvez você se lembre das palavras do salmista e diga que Deus determinou o número das estrelas; mas, atente para o fato de ele as chamar pelo nome (Sl 147:4). Se até as estrelas Deus singulariza, imagine as gentes.

Há experiências tão particulares que passam a ser universais. Cada vez que alguém fala pela primeira vez, o mundo fala pela primeira vez. Cada vez que alguém de uma geração aprende a andar de bicicleta ou a manejar uma ferramenta, é como se fosse a primeira vez para todas as gerações. Cada vez que alguém toma uma decisão difícil ou dá o primeiro beijo, o mundo se supera e se apaixona.

Quem assistiu ao filme *Náufrago*, estrelado por Tom Hanks, sabe do que estou falando. O filme conta a história de Chuck Noland, inspetor da transportadora Federal Express (FedEx), preso em uma ilha tropical em virtude de um acidente. Noland precisa conseguir duas coisas com a máxima urgência: água potável e fogo. Ele tenta fazer fogo usando o truque de esfregar um pauzinho contra o outro. Ele tenta, se machuca, volta a tentar e, em um momento mágico, ele consegue fazer o fogo de que tanto precisava. A cena faz a gente ter a impressão de que aquela era a primeira vez que a humanidade tinha conseguido fazer o fogo. E era mesmo!

Em casa é diferente, pois basta virar o botão do fogão que lá está o fogo, à sua disposição 24 horas por dia, com intensidade controlável. É uma coisa banal, corriqueira. Mas quando o náufrago conseguiu fazer seu próprio fogo, foi como se o fogo tivesse surgido pela primeira vez, e que toda a humanidade tivesse assistido à cena maravilhada, de queixo caído. Não se deixe levar pelas generalizações. A generalidade traz tédio, mas a particularidade o afasta.

Em segundo lugar, *preste atenção nas singularidades*. Uma coisa é falar de maneira genérica sobre rios, outra coisa é falar sobre o rio

Tietê, o Amazonas ou o São Francisco. Os dias parecem ser os mesmos? Talvez você esteja olhando para números em um calendário, mas basta mencionar “11 de setembro” para você se dar conta de que as singularidades são importantes. Ou então pense no seu aniversário. Os dias não são os mesmos, há dias e dias.

Os ventos não são os mesmos. Vento não passa de um deslocamento de ar, de um lugar de maior pressão para outro de menor pressão. O Eclesiastes sabe inclusive de onde eles vêm e para onde eles vão: do sul para o norte. Mas a brisa fresca que sopra no seu rosto em um dia de verão não é apenas um vento. Quando desço a rua do Lago, no *campus* da Universidade de São Paulo, em meu treino de corrida numa manhã ensolarada, aquela brisa não é uma brisa qualquer. O vento que vem do mar não é um vento genérico, nem são genéricas as sensações que ele traz. Lembro de minha avó reclamando do “vento noroeste”, o vento quente da cidade de Santos. O vento que traz o cheiro de terra molhada não é apenas vento, pode ser uma memória afetiva. Lembro das minhas férias na infância, correndo pelas fazendas de Nova Odessa, no interior de São Paulo.

O mesmo acontece com as pessoas. Todos sabemos que todos os dias um monte de gente nasce, mas essa informação tem um impacto completamente diferente quando essa “gente” é seu filho. Para você, ele não é uma estatística, um valor em uma planilha que vai servir para recalcular a média demográfica. Todos os dias pessoas morrem, mas perder um pai ou amigo é coisa completamente diferente. Há singularidade em cada um desses momentos.

Um amigo me contou como foi o primeiro ultrassom com a sua esposa que estava grávida. Ele viu uma bolinha, bem pequenininha, e no meio um coraçãozinho batendo. Com o impacto da cena, ele teve que se apoiar na parede, fingir que estava tudo bem. A esposa começou a se recompor e o médico a falar com ela, e ele aproveitou para sair da sala de mansinho! Ficou lá sentado, com falta de ar. Para

o doutor, gel gelado na barriga da gestante era normal. Mas, na sala ao lado, havia um pai passando mal, pálido, completamente tomado pela visão de uma bolinha com um coraçãozinho pulsante no meio. O feto é o mesmo, mas para o médico é evento genérico e para os pais um evento singular. A generalidade traz tédio, mas a singularidade o afasta.

Em terceiro lugar, *preste atenção na vitalidade*. O que é vivo não é entediante. É possível ficar entediado de olhar para um bicho de pelúcia, mas cachorros e gatos dificilmente são entediantes. Eles se movimentam, brincam, ficam acuados, fazem cara de coitado e pedem afagos.

“Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio”, disse Heráclito de Éfeso. Primeiro, porque as águas do rio fluem. Mas “também porque — e isto é algo que nos toca metafisicamente, que nos dá uma espécie de horror sagrado —, porque nós mesmos somos também um rio, nós também somos flutuantes”, disse Borges.³ Tudo muda, tudo se move, e nesse meio não há tédio. Tédio não combina com dinamismo ou vigor. Tédio não combina com vitalidade.

Pense no que acontece com pessoas casadas. “Estou casado com a mesma mulher há vinte anos”, podem dizer. Mas não é verdade. Afinal, a mulher não é mais aquela menina de vinte anos atrás, assim também com o homem, passados vinte anos. Aprendi que no casamento há três entidades: a mulher, o homem e o relacionamento, a terceira entidade, que “faz o meio de campo” entre os cônjuges. Quando as coisas vão mal, muita gente pensa que o problema se resolve com a troca de parceiro, quando o certo é tratar do relacionamento. E por que há tédio em tantos casamentos? Entre outras razões porque homem e mulher fincam pé onde se sentem confortáveis, dizendo não às mudanças: cada um na sua, sempre

³ Jorge Luis BORGES. *Elogio da sombra*. São Paulo: Globo, 1971, p. 59-60.

nas mesmas rotinas, sempre na mesmice. Então o tédio é inevitável. Quando o casamento encontra a vitalidade, o tédio se desfaz. A generalidade traz tédio, mas a vitalidade o afasta.

Em quarto lugar, *preste atenção na insaciabilidade*. A insaciabilidade saudável é a capacidade de fazer sempre o que sempre fizemos, como se fizéssemos pela primeira vez. Comer é um exemplo de insaciabilidade. Cada refeição serve para alimentá-lo para aquele momento. O café da manhã não serve para matar a fome da hora do jantar. Comer é uma atividade repetitiva, mas comer bem quando estamos com fome sempre nos dá a sensação de que estamos comendo pela primeira vez. Comer o dobro no almoço de hoje não vai satisfazer sua fome na hora do almoço de amanhã.

Tomar banho também é assim. Quantos banhos você já tomou na vida? O dia está quente, você trabalhou o dia inteiro em um lugar abafado e, quando chega em casa, exausto, tudo o que quer é tomar um belo banho para se livrar do fogo que assa até os ossos. O dia está frio, você chega em casa com o nariz e as mãos gelados, e, nessa hora, nada como um belo banho bem quente para despír a roupa de pingüim. O prazer de um simples banho desses já satisfaz a insaciabilidade do momento. E amanhã? Bom, amanhã é outro banho e outra sensação agradável.

O mesmo se pode dizer dos amigos. É possível passar um sábado inteiro com os amigos mais chegados e, ainda assim, aceitar com prazer o almoço de domingo com os mesmos amigos. Amigo não tem prazo de validade, é sempre bem-vindo. Não existe nenhuma necessidade de nos saciarmos de uma só vez com as amizades que temos.

O que essa insaciabilidade significa? Que nós fomos feitos para viver um dia de cada vez. Ficamos ansiosos porque costumamos fazer uma prova na faculdade pensando na reunião de amanhã. Quando chega a hora da reunião, já estamos pensando no almoço, e no almo-

ço já estamos pensando em como resolver o problema da umidade no banheiro do apartamento. O mestre zen disse que a diferença entre o sábio e o tolo é que tanto o sábio quanto o tolo respiram, mas somente o sábio tem consciência de que está respirando. Quem não presta atenção nas sensações e sentimentos não registra prazeres e dores. A vida fica vazia, e o tédio se instala. Quando a gente começa a se dar conta de que não está diante de mais uma refeição ou mais um banho, mas daquela única refeição e daquele único banho do momento, a insaciabilidade deu as caras, e com ela podemos nos livrar do tédio. A generalidade traz o tédio, a insaciabilidade o espanta.

Nada do que foi será...

O Eclesiastes olhou para os ciclos da vida e se enfatiou, foi levado pelo pessimismo inerente às repetições incessantes. No entanto, ele deixou uma saída: cada geração faz tudo de novo como se fosse a primeira vez; cada um precisa ter sua própria experiência, vivenciar a singularidade em constante mudança.

É por isso que gosto das palavras do Lulu Santos, um Eclesiastes moderno: “Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia; tudo passa, tudo sempre passará. A vida vem em ondas como o mar, num indo e vindo infinito”. O que foi não voltará a ser, embora a vida tenha suas idas e vindas. Assim, sábio não é aquele que busca a novidade para se saciar: sábio é aquele que consegue entrar na rotina da vida e fazer as coisas repetidas como se as fizesse pela primeira vez.

Aquela pergunta foi para mim

Você deve se lembrar da moça que me perguntou “O que é a vida senão uma sucessão de fatos sem sentido?” A ironia dessa pergunta é que ela serviu como resposta. Estava me perguntando sobre qual seria a próxima série de sermões a que me dedicaria. Tinha encerrado

uma série sobre os *Dez Mandamentos* e andava à procura de outro tema. Não me surgiu nada, e um amigo sugeriu que eu falasse sobre Eclesiastes. Gostei da ideia e comecei a orar e meditar sobre o assunto. No domingo seguinte, à noite, essa moça se aproximou de mim com sua pergunta, mais uma entre as inúmeras que já me havia feito. Então meu coração sossegou, pois aquela pergunta foi uma resposta para mim.

Essa singularidade é o caminho sugerido pelo Eclesiastes. Aquela que poderia ser apenas mais uma pergunta se fez alumbramento: alguma coisa se consolidou em mim e decidi que me dedicaria ao estudo do Eclesiastes. Mas acho que sei por que aquilo aconteceu. Em primeiro lugar, porque tratei aquela moça como uma pessoa, não como a humanidade genérica e despersonalizada. Em segundo lugar, prestei atenção na singularidade das dúvidas e questionamentos que só ela possuía. Em terceiro lugar, percebi que por trás de seu desconforto, havia vitalidade, uma mente dinâmica e inquieta buscando respostas existenciais. E, em quarto lugar, percebi sua insaciabilidade, seu desejo que continuar questionando, a despeito das respostas que já havia encontrado: a resposta de ontem serviu para ontem, e hoje a pergunta é outra. Bendita pergunta. Tudo se fez novo.



MC
mundocristão

ISBN 978-85-7325-567-6



9 788573 255676

63157